

A pequena ética ou a etiqueta

Olavo Pires de Camargo^I, Luiz Eugênio Garcez Leme^{II}

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Não se tem grande problema em que todos reconheçam que os médicos devam ter ética. No entanto, quando nos referimos à sua mais simples manifestação, a etiqueta, as opiniões divergem. Alguns podem imaginar que tratar com etiqueta pode tornar o relacionamento médico-paciente artificial ou distante, ou incrementar um tipo de compromisso que muitos buscam minimizar ou, mesmo, evitar. No entanto, de que estamos falando?

Uma definição simples de etiqueta, encontrada na internet, a trata como “o conjunto de regras de conduta, especialmente as de tratamento, seguidas em ocasiões formais, e que revelam a importância social das pessoas envolvidas”.

Como podemos ver, a etiqueta parece relacionar-se com a importância das pessoas envolvidas. Qual é a importância da saúde das pessoas que nós atendemos ou ensinamos a atender? De alguma forma, ter com elas maneiras afáveis, boas maneiras, etiqueta (chame-se como quiser) é uma manifestação da qual eu reconheço a importância ímpar, particularmente da saúde que cada uma dessas pessoas

coloca confiadamente em nossas mãos. De alguma maneira, a etiqueta corresponde a uma mensagem simples e rápida do grau de interesse, de consideração, que eu tenho com o outro.

Parece piegas? Coloquemos, como exercício mental, nossas mãos, esposas ou filhas; nós mesmos no lugar do paciente e perguntemo-nos como gostaríamos que o médico procedesse. Em que médicos confiaríamos ou a que retornaríamos.

É evidente, também, que, diferentemente dos preceitos éticos básicos que têm manifestações de mudança muito mais lenta, a etiqueta muda de maneira rápida e o profissional deve ter a habilidade de conhecer seus diversos níveis e perceber qual é a adequada para cada paciente.

Não parece difícil de perceber que o trato de uma senhora idosa deverá ser diferente do de um rapaz jovem ou do de uma criança. A diferença de cultura e os gostos que o paciente nos permite perceber, já nos primeiros momentos do contato, poderão nos indicar que nível e que tipo de modos, de cuidados, de deferências, de etiqueta ele espera de nós, médicos.

^IProfessor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

^{II}Professor associado do Departamento de Ortopedia e Traumatologia e Departamento de Clínica Médica (geriatria) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Editor responsável por esta seção:

Olavo Pires de Camargo. Professor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo
Rua Barata Ribeiro, 490 — 3º andar — conj. 33
Bela Vista — São Paulo (SP)
CEP 01308-000
Tel. (11) 3123-5620
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflitos de interesse: nenhum declarado

Entrada: 20 de outubro de 2017 — Última modificação: 20 de outubro de 2017 — Aceite: 31 de outubro de 2016

É notável, também, que isso exige conhecimento, treino e um certo “*feeling*” que separará, no decorrer da vida profissional, aqueles médicos aos quais os pacientes se ligam, respeitam e consultam, dos outros, talvez muito competentes em sua área, mas que não conseguem passar aos pacientes essa segurança, a mensagem de que nos importamos com eles e com sua doença, seja ou não rara ou interessante, pelo simples motivo de que é dele.

Como treinar essa habilidade? Com certeza é mais difícil do que ensinar propedêutica, ou patologia, ou terapêutica. Passa por conhecimento básico da dignidade e das exigências psicológicas de cada paciente e passa principalmente pelo fato de gostar de estar com os pacientes, com as pessoas.

Parece que o ensino da medicina no tempo de Hipócrates e seus discípulos baseava-se essencialmente na observação não apenas dos doentes e seus males, mas da maneira como os médicos os tratavam.

Na atualidade, temos também muitos exemplos, na prática cotidiana, só que do lado negativo. São didaticamente exemplares em “como não agir”. Pensemos em um caso fictício, o personagem House, de uma conhecida série televisiva, que aparentemente resolve casos raros, tratando os pacientes e os colegas de maneira sarcástica, cruel e cínica. Quem gostaria de ser seu paciente?

O ensino da medicina nessa condição exige exemplo. Que exemplo somos cada um de nós, professores?

REFERÊNCIAS

1. Etiqueta. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=o+que+%C3%A9+etiqueta&ie=utf-8&oe=utf-](https://www.google.com.br/search?q=o+que+%C3%A9+etiqueta&ie=utf-8&oe=utf-8&client=ubuntu&channel=fs&gfe_rd=cr&ei=5mbtV67lAcmm8wfo8aOIDQ&gws_rd=ssl)

[8&client=ubuntu&channel=fs&gfe_rd=cr&ei=5mbtV67lAcmm8wfo8aOIDQ&gws_rd=ssl](https://www.google.com.br/search?q=o+que+%C3%A9+etiqueta&ie=utf-8&oe=utf-8&client=ubuntu&channel=fs&gfe_rd=cr&ei=5mbtV67lAcmm8wfo8aOIDQ&gws_rd=ssl). Acessado em 2016 (31 out).